

A crítica
18/12/97 C 11
66

MADEIRA INDUSTRIAL

Ibama faz licitação para área do Tapajós

BRASÍLIA (AE) — O Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) vai publicar, ainda esta semana, um novo edital de licitação para a exploração da Floresta Nacional de Tapajós. A primeira tentativa de abrir a floresta pública à iniciativa privada - para a exploração industrial de grande parte das mais de cem espécies de madeiras comerciais - aconteceu há cerca de cinco meses, sob protesto dos ambientalistas.

O Ibama havia destinado cinco mil dos 600 mil hectares da floresta do Tapajós para empresas madeireiras, mas recuou e reduziu a área para 3.500 hectares, após os protestos de várias organizações não-governamentais (Ongs).

Na Floresta Nacional de Tapajós, o Ibama pretende desenvolver um projeto para a produção sustentada de madeira industrial o que, na prática, seria o início da privatização das florestas nacionais. O programa será financiado pela Organização Internacional de Madeiras Tropicais (ITTO), que já investiu na exploração sustentada da floresta do Antimarí, em Sena Madureira (AC). Pelo projeto, as empresas que ganharem a concorrência terão que transferir a tecnologia utilizada na área para os produtores rurais e as indústrias de exploração florestal de baixo

impacto ambiental.

A primeira tentativa do Ibama de privatizar a Floresta Nacional do Tapajós, no Pará, foi recebida com reservas pelas Ongs. O principal motivo era a extensão da área, que poderia fugir ao controle da fiscalização do governo. Depois de uma discussão de uma semana, o Ibama cedeu e reduziu em 1.500 hectares a área aberta à exploração. Também vai fazer um projeto numa área de 1.200 hectares para as comunidades locais, excluídas do processo de exploração florestal.

De acordo com o diretor de Recursos Naturais Renováveis do Ibama, Paulo Benincá, até o início do próximo ano o governo pretende definir os modelos de exploração na área destinada às comunidades locais. Uma alternativa é preparar um plano para desenvolver o ecoturismo e a criação de reservas extrativistas. A área destinada à iniciativa privada será explorada em cinco anos.

Madeireiras - As Ongs também tentam, pela pressão internacional, dificultar a atuação das madeireiras asiáticas na Amazônia. Empresas da Malásia já estão se instalando no Pará e no Amazonas. Elas possuem alto padrão de tecnologia de derrubada de árvores e são acusadas de devastar imensas florestas na Ásia.